



BRASIL: Câmara, senado e executivo terão agenda de consenso para enfrentar a crise

Os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, Rodrigo Maia e Renan Calheiros, anunciaram, após jantar com o presidente da República em exercício, Michel Temer, a disposição de votar uma agenda de consenso das duas Casas e do Executivo, com o objetivo de enfrentar a crise econômica do País.

O jantar foi realizado no Palácio do Jaburu. Na saída, eles ressaltaram que não há mais o clima de animosidade entre a Câmara e o Senado que impedia a votação de uma pauta consensual. **“O mais importante hoje não é a construção de uma pauta, mas de um consenso para trabalharmos em conjunto.** É o que não vinha acontecendo há muitos meses na relação da Câmara com o Senado”, disse Rodrigo Maia.

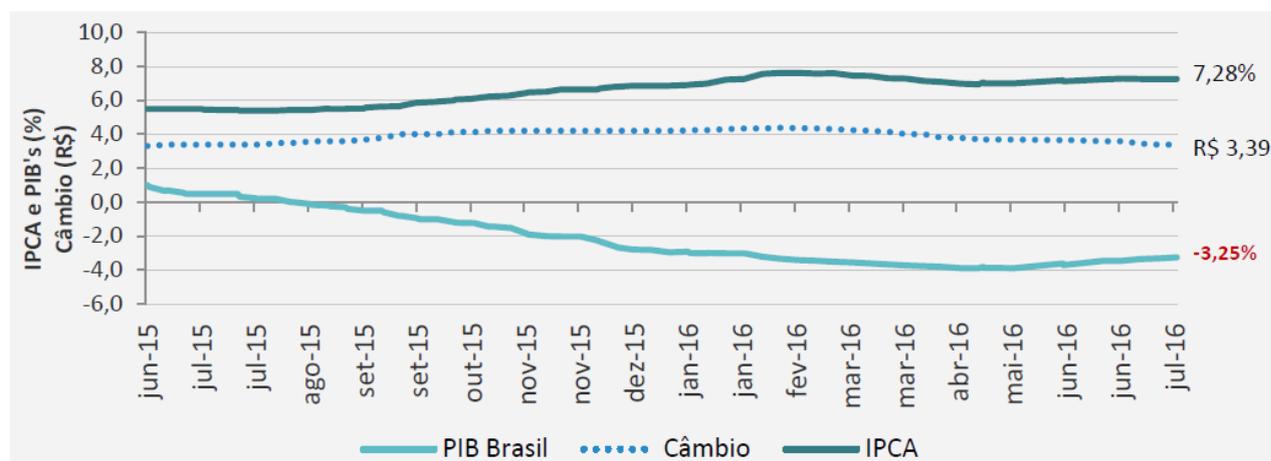
Ele reafirmou que será possível realizar votações no segundo semestre, apesar da campanha eleitoral nos municípios:

“Se estivermos num clima de harmonia, teremos condições de votar muitas coisas. Em algumas semanas, vamos conseguir organizar a pauta em três dias, e quando chegarmos mais perto da eleição talvez em dois dias. O importante é que possamos produzir. Nós vivemos uma crise profunda e precisamos ajudar o Brasil a superar este momento”.

Segundo o presidente do Senado, a prioridade do Senado após o recesso será a votação da prorrogação da Desvinculação das Receitas da União (DRU), que permitirá, ao Executivo, usar livremente até 30% da arrecadação federal. A matéria já foi aprovada pela Câmara.

Com informações da LCA Consultores, Valor Econômico e Euler Hermes

Figura 1 – Evolução das expectativas de mercado para 2016 – crescimento do produto, taxa de inflação e câmbio



Cenário para 2016:

Menor retração econômica (-3,25%), apreciação do Real (R\$ 3,39) e inflação além do teto da meta (7,28%).

Atividade Econômica (julho/2016)

O Boletim Focus, do Banco Central, indica para 2016, uma queda de 3,25% na atividade econômica queda menor frente à expectativa da semana anterior (3,2%). Também para 2017, embora ainda bastante modestas, as expectativas melhoraram, passando de 1% para 1,1%. (Ver Figura 1).

Expectativas Macroeconômicas	2016	2017
PIB (% ao ano)	-3,25	1,1
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,39	3,5
Taxa SELIC - fim de período (% ao ano)	13,3	11,0
IPCA (% ao ano)	7,28	5,3
Dívida líquida do setor público (% do PIB)	44,4	49,1
Produção industrial (% crescimento)	-6,0	0,8
Saldo em conta corrente (US\$ bilhões)	-15,0	-20,0
Investimento estrangeiro direto (US\$ bilhões)	63,5	65,0
Balança comercial (US\$ bilhões)	50,5	49,9

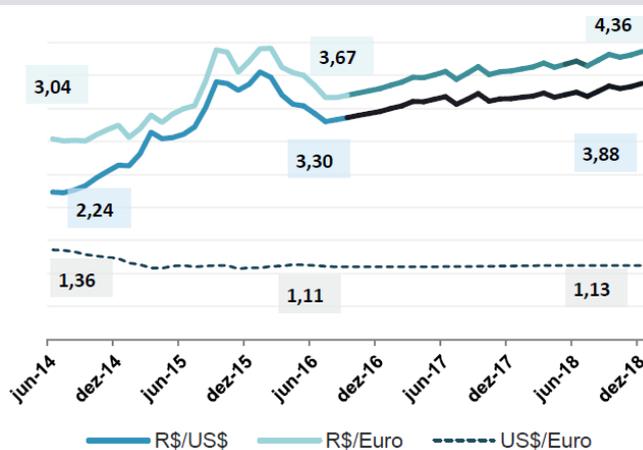
Fonte: Relatório Focus/Banco Central do Brasil (15/07/2016)

Câmbio (Julho/2016)

Em 2016, tem ocorrido apreciação do Real. Nos primeiros 6 meses do ano, o dólar perdeu 11,5% do seu valor em relação a moeda brasileira.

Em junho, a cotação do dólar chegou a R\$ 3,42. Em janeiro, esse valor era de R\$ 4,05 e em junho de 2015, R\$ 3,11. Em 2016, a moeda deve fechar o ano na casa dos R\$ 3,45, e a do euro em R\$ 3,80.

Na comparação mês a mês, o Real ganhou 10,1% do seu valor em relação ao dólar e ao euro. Em junho, a cotação do dólar em relação ao euro foi de US\$1,12.



Fonte: Banco Central do Brasil/ LCA Consultores (2016)

*A partir de julho de 2016 dados projetados pela LCA Consultores.

A cotação média do dólar em 2016 deve ser de R\$3,45 o a do euro de R\$3,80 . Já a cotação dólar-euro será de US\$ 1,10.

Balança Comercial (Julho/2016)

Para o acumulado de 2016, janeiro a junho, as exportações brasileiras do agronegócio somaram US\$ 45 bilhões, crescimento de 4% em relação ao mesmo período em 2015.

Com importações de US\$ 6,1 bilhões, o superávit da balança comercial foi de US\$ 38,9 bilhões. O agronegócio correspondeu a 50% do valor total exportado pelo Brasil no período. O saldo na balança comercial total do Brasil foi de US\$ 23,7 bilhões.

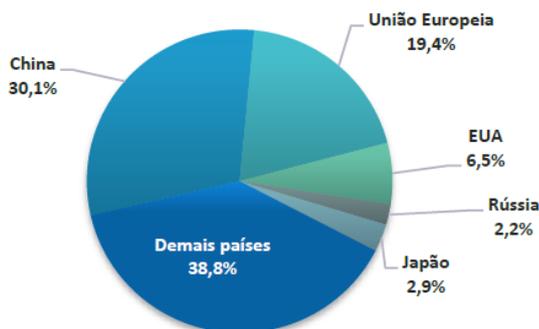
No acumulado de 2016, as exportações do agronegócio brasileiro foram lideradas pelo complexo soja (US\$ 17,2 bilhões); carnes (US\$ 7 bilhões); produtos florestais (US\$ 5 bilhões); complexo sucroalcooleiro (US\$ 4,5 bilhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 2,4 bilhões). A soma das exportações desses cinco principais setores foi de US\$ 36,1 bilhões, ou 80,2% do total exportado em produtos do agronegócio, ou 40% dos embarques totais do Brasil.

Balança comercial brasileira: 1º semestre (US\$ bilhões)



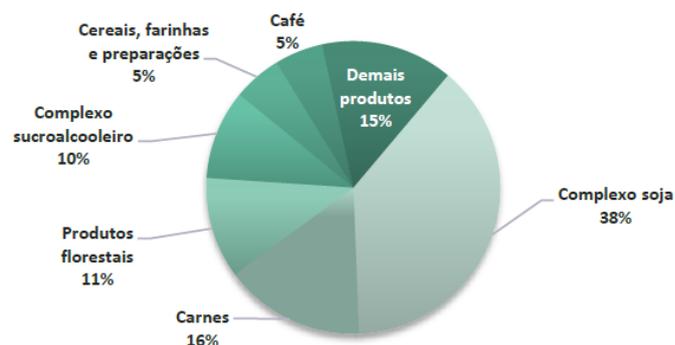
Fonte: Aliceweb (MDIC) Agrostat (MAPA)

Principais destinos das exportações do agronegócio brasileiro acumulado janeiro a maio



Fonte: Agrostat (MAPA)

Principais produtos do agronegócio brasileiro exportados acumulado janeiro a maio (2016)



Fonte: Agrostat (MAPA)

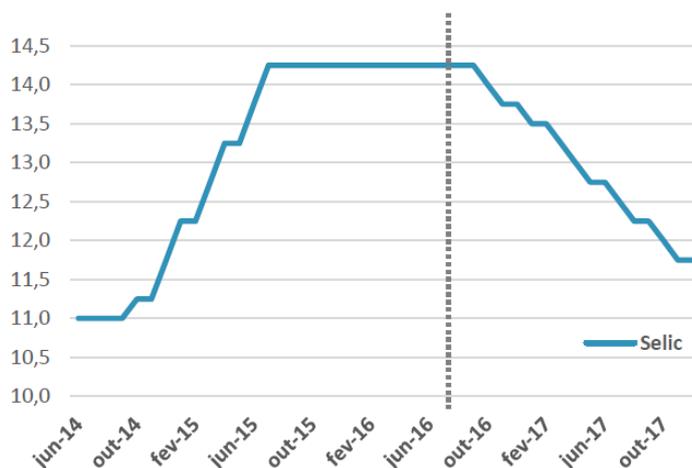
Juros (Julho/2016)

Na última quarta-feira (20/07) ocorreu a 200ª Reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BC).

A primeira sob o comando do novo presidente do BC, Ilan Goldfajn. Em decisão unânime, a Selic foi mantida em 14,25% ao ano.

Desse modo, a LCA Consultores projeta que, a partir do 4º trimestre de 2016, o BC deve dar início à flexibilização da política monetária, de forma cautelosa. A Consultoria prevê para outubro a primeira redução da Selic, dos atuais 14,25% para 14,00%.

As projeções mostram uma redução contínua projetando a taxa básica de juros em 13,75% no fim de 2016 e em 11,75% para o fim de 2017.



Fonte: Banco Central do Brasil; LCA Consultores (2016)

*A partir de julho de 2016 os dados são projeções calculadas pela LCA Consultores.

CENÁRIO BÁSICO DA ECONOMIA BRASILEIRA DIVULGADO PELO BC

- Evolução dos indicadores, desde a última reunião do Copom, mostra perspectiva de estabilização da atividade econômica no curto prazo.
- Cenário externo permanece desafiador, porém no curto prazo o ambiente é positivo para economias emergentes. Mas, a dinâmica da recuperação da economia global permanece frágil, com incertezas quanto ao seu crescimento.
- No cenário de referência, a projeção para a inflação de 2017 encontra-se em torno da meta de 4,5%. No entanto, no cenário de mercado, a projeção para 2017 está em torno de 5,3%.

RISCOS DOMÉSTICOS DO CENÁRIO BÁSICO PARA A INFLAÇÃO

- No curto prazo, inflação acima do esperado, se a alta dos preços dos alimentos for mantida;
- Permanecem incertezas quanto à aprovação e implementação dos ajustes necessários na economia;
- Um período prolongado com inflação alta e com expectativas acima da meta pode reforçar mecanismos inerciais e retardar o processo de desinflação;
- A implementação dos ajustes pode aumentar a confiança do mercado e reduzir as expectativas de inflação;
- O nível de ociosidade na economia pode produzir desinflação mais rápida do que a refletida nas projeções do Copom.

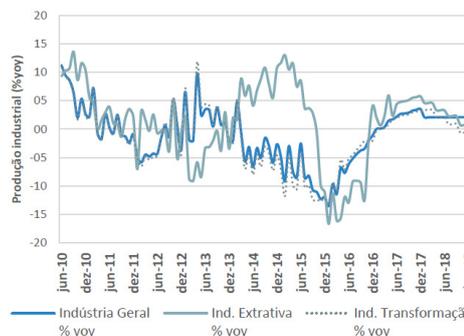
De acordo com o Copom, o cenário básico e o atual balanço de riscos indicam não haver espaço para flexibilização da política monetária.

Fonte: Banco Central do Brasil

Produção Industrial (Maio/2016)

Segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM-IBGE), a produção industrial recuou 7,7% em maio, na comparação com o mesmo período em 2015.

A indústria de transformação decresceu 7,2% e a indústria extrativa 11,9%.



Fonte: LCA Consultores (2015)

*Os dados a partir de junho de 2016 são projeções da LCA Consultores.

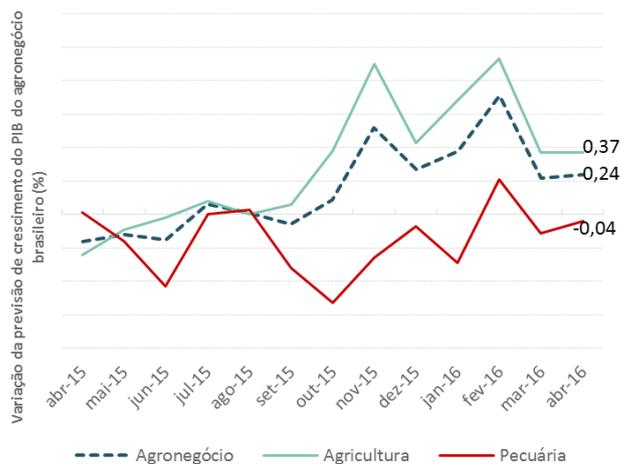
A LCA Consultores projeta que a indústria geral só voltará a crescer em fevereiro de 2017. Estima-se uma variação positiva de 0,1%, em comparação com o mesmo período de 2016.

Produto Interno Bruto do Agronegócio (Abril/ 2016)

O PIB do agronegócio calculado para abril de 2016 cresceu 0,24%, em relação a março. No acumulado do ano, janeiro a abril, a alta foi de 1,55%.

Tanto no desempenho no mês quanto no quadrimestre, o resultado positivo está relacionando à agricultura, que cresceu 0,37% em abril e 2,37% no quadrimestre. Já a pecuária recuou 0,04% no mês e praticamente ficou estável no acumulando do ano (-0,22%).

A renda do agronegócio brasileiro, estimada para 2016, é de R\$ 1,39 trilhão, sendo R\$ 960,6 bilhões (69%) referentes ao segmento agrícola e R\$ 430,6 bilhões (31%), ao pecuário, a preços de 2016.



Fonte: CNA; Cepea/USP (2016)

A LCA Consultores projeta que a indústria geral só voltará a crescer em fevereiro de 2017. Estima-se uma variação positiva de 0,1%, em comparação com o mesmo período de 2016.

Índice de Confiança do Agronegócio (1º trimestre de 2016)

O Índice de Confiança do Agronegócio chegou a 82,6 no primeiro trimestre de 2016, queda de 2,1 pontos em relação ao trimestre anterior, e queda de 2,9 na comparação com o mesmo período de 2015, demonstrando pessimismo do mercado. Desataca-se o índice para o produtor agropecuário, com 91,9 pontos, o melhor resultado para os últimos quatro trimestres. Em relação ao último trimestre de 2015, houve melhora da expectativa da porteira para dentro, 73,3, e piora para depois da porteira com 77.

Fonte: FIESP/OCB (2015)

Período	Índice de confiança do agronegócio	Antes da porteira	Produtor Agropecuário	Depois da porteira
2013/4	104.4	109.8	97.4	109.3
2014/1	102.7	101.9	97.1	108.7
2014/2	91.8	94.1	93.7	88.9
2014/3	89.3	78.7	93.3	89.7
2014/4	93.5	88.6	97.5	91.6
2015/1	85.5	73.6	87.7	88.1
2015/2	82.8	66.0	86.6	85.8
2015/3	82.4	73.3	85.9	82.7
2015/4	84.3	67.8	88.4	87.1
2016/1	82,6	73,3	91,9	77

Bruno Barcelos Lucchi - Superintendência Técnica

NÚCLEO ECONÔMICO: Renato Conchon - Coordenador Fernanda Schwantes - Assessora Técnica

Gabriela Coser Rivaldo - Assessora Técnica Paulo André. Camuri - Assessor Técnico Rafael Alberton - Assessor Técnico